

ELEIÇÕES *BRASIL*

Alianças dos quatro principais candidatos a presidente revelam

incoerências ou trazem à memória semelhanças esquecidas entre perfis aparentemente opostos

Eleição Presidencial

Como entender (ou não)

Arnaldo Bloch

• A coerência nunca foi virtude obrigatória da política: Hitler e Stalin, tiranos de diferentes safras, deram-se as mãos e depois digladiaram-se. Luís Carlos Prestes apoiou seu algoz Getúlio depois de sair dasarceragens do regime que enviou sua mulher para a morte. O atual quadro sucessório brasileiro, contudo, ultrapassa os limites do circunstancial, não só quebrando tabus, mas trazendo à memória semelhanças esquecidas entre os supostos opostos.

O líder Lula, por exemplo, marcha ao lado do senador empresário José Alencar (PL), seu vice, que odeia o MST, repudia a união civil de pessoas do mesmo sexo, ama Armínio Fraga e acha que 1964 foi uma bênção. Falando em bênção, o partido de Alencar, o PL (coligado ao PT), é dominado por integrantes da cúpula da Igreja Universal do Reino de Deus, de Edir Macedo. Tradicionalmente, o PT alinha-se a setores progressistas da Igreja Católica.

Já a tão execrada união com Quêrcia é mais coerente do que parece: afora as denúncias de corrupção que ainda pesam sobre o cacique paulista

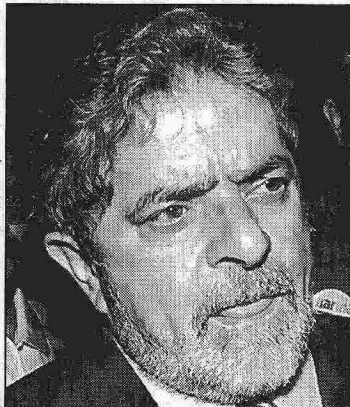
— e que podem magoar as convicções petistas — historicamente Lula e Quêrcia estiveram quase sempre alinhados em suas respectivas células oposicionistas, em questões como o apoio à luta sindical, a emenda das Diretas, a oposição a Collor, o presidencialismo e os ataques sistemáticos ao Real e a luta contra a emenda da reeleição. O que não impediu Quêrcia de ter julgado Lula incapaz de administrar “um carrinho de pipocas”, ou que este revidasse vangloriando-se de jamais ter roubado a mercadoria do pipoqueiro.

O vice-líder Ciro Gomes, por sua vez, formou uma dita Frente Traba-

lista que melhor estaria sob a alcunha de “Frente de Noé”: consegue unir no mesmo barco todas as espécies do espectro político. A começar por Antonio Carlos Magalhães, que sempre viu nele (e gostou) vocações de fôlego deitista e, em 94, recebeu-o em Salvador com festa. Cinco anos depois, Ciro dizia que ACM é “mais sujo que pau de galinheiro”. Hoje, exalta a experiência do PFL no manejo da máquina do Estado. O que promete, em eventual governo Ciro, a volta da máquina pefelista, com direito a ACM, Roseana, Bornhausen, e vamos lá.



ORESTES QUÊRCIA



LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA



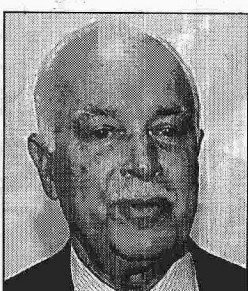
JOSÉ ALENCAR



FERNANDO COLLOR



CIRO GOMES



ACM

FILIA-SE ao MDB

depois do AI-2 e, em 67, torna-se vice-líder da Oposição.

AOS 18 anos começa a

trabalhar como metalúrgico um mês depois do golpe.

COMERCIANTE em Ubá,

vê com bons olhos o golpe de 64, por ter evitado “a guerra civil”.

1964

1966

1968

1970

1972

1974

1979

1984

1990

1992

1993

1994

1996

2000

ENTRE 62 e 66, estuda em tradicionais colégios cariocas, como Padre Antonio Vieira.

NO ANO DO golpe

militar, com 6 anos, mora na cidade de Sobral (CE).

REELEITO DEPUTADO

federal, participa ativamente das articulações do golpe.

ELEITO prefeito de Campinas. Obras viárias e boom imobiliário. Amplia base do partido.

INTEGRA o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, como suplente da direção.

COM incentivos da Sudene, funda a Companhia de Tecidos Coteminas.

EM 67, muda-se para Brasília. Forma-se em Ciências Econômicas na União Pioneira de Integração Social.

ASSUME a prefeitura de Salvador nomeado por Castelo Branco. Em 70, é nomeado para o governo da Bahia.

EM 1974 é eleito senador pelo MDB com 4,6 milhões de votos.

ELEITO, em 75, presidente do Sindicato, iniciando sua trajetória.

JÁ filiado ao PMDB, integra comitiva que tenta evitar repressão policial às greves no ABC.

APÓIA a campanha pela anistia. Organiza série de greves no ABC, e funda o PT em 1980.

AMPLIA a Coteminas, que se tornaria grande conglomerado do qual até hoje é acionista.

MUDA-SE para Maceió e dirige a “Gazeta de Alagoas”, do pai. Depois, comanda as Organizações Amon de Melo.

FAZ VESTIBULAR para Direito em 1976, carreira pela qual obteria o grau universitário.

ASSUME a presidência da Eletrobrás e inicia um ciclo de poder no setor elétrico que vai durar 25 anos.

ORGANIZA frente pelas Diretas. Em 1986, é eleito governador com 5,7 milhões de votos.

PROMOVE mobilização pró-Diretas. Em 86, é o deputado federal mais votado do país.

NO segundo turno decide não apoiar Lula nem Collor, por “não ter sido procurado pelo PT”.

CONCORRE pela primeira vez à Presidência e perde para Collor no segundo turno.

ASSINA, em 1991, a ficha de filiação ao PMDB, iniciando-se na política.

GRAÇAS a articulações do pai, é nomeado em 1979 prefeito de Maceió.

TENTA vice-presidência da UNE por chapa social-democrata tida como de direita por grupos radicais.

VOLTA a ser indicado para governador da Bahia e consolida o carlismo no estado.

É ACUSADO de superfaturamento e compras sem licitação no período do governo de SP.

MOBILIZA-SE em favor do impeachment, que partiu de CPI pedida pelo PT. Quêrcia idem.

DESGASTADO pelas denúncias, desiste de reeleição à presidência do PMDB.

COMO QUÊRCIA, é pró-presidencialismo. Emplaca Erundina no ministério Itamar.

DIZ QUE o Real é antiético e ilegítimo. Candidato, fica com 4,4% dos votos.

DIZ QUE o Real é estelionato eleitoral e perde eleição para o então ministro FH.

FICA EM em 3º lugar na eleição para governador em MG. Na campanha, adota tom nacionalista.

ELEGE-SE deputado pelo PDS. Apóia as Diretas mas vota em Maluf, padrinho de casamento, no Colégio Eleitoral.

MEMBRO do PDS, apóia no Ceará a campanha das diretas com Tasso Jereissati. Depois, vai para o PMDB.

OPÕE-SE às Diretas. Depois, alia-se a Tancredo Neves, ganhando o Ministério das Comunicações.

EM 86, pelo PMDB, candidata-se ao governo de Alagoas, sob o signo do combate à corrupção e da caça aos “marajás”.

LÍDER do governo Tasso na Assembleia Legislativa, em 88 concorre à prefeitura e elege-se aos 30 anos.

MINISTRO poderoso, usa concessões de rádio e TV para ajudar a garantir a prorrogação do mandato de Sarney.

DERROTA Lula em 89. Em 92, começa a ser desmascarado, até cair com o impeachment.

APÓIA COLLOR e elogia seus atos. Depois, governador, adere ao impeachment.

NOVAMENTE governador da Bahia (por via direta), apóia Collor e se mantém fiel no impeachment.

ACUSA Itamar de praticar fisiologismo e posiciona-se a favor do parlamentarismo.

SENADOR pela Bahia, em 94 articula a aliança entre PFL e PSDB, que ajudou a eleger FH.

COMANDOU a convenção do PMDB que recomendou o voto contrário à reeleição.

TRABALHA para impedir aprovação da emenda da reeleição. Em 98, perde novamente para FH.

CONQUISTA vaga no Senado. Já coligado do PT em 2002, diz que “MST é um mal”.

EM 98 obtém decisão judicial permitindo sua candidatura à Presidência. Em votação unânime, TSE veta.

PARTICIPA da formulação do Real. Em 94, deixa o governo do Ceará para ser ministro da Fazenda de Itamar.

EM 97, chega a presidente do Senado e do Congresso. É considerado por muitos mais influente que FH.